

Abril 2020

# A COVID-19 E O CASAMENTO INFANTIL, PREMATURO E FORÇADO: UM PLANO DE AÇÃO

Os governos e as comunidades em todo o mundo estão a lutar para responder à pandemia da COVID-19. Este resumo fornece conhecimento, recomendações e recursos para responder às necessidades das raparigas, incluindo as que estão em risco de casamento infantil, durante e após a crise.



Jovens participantes nas Vozes dos Jovens contra Casamentos Prematuros, Jakarta, Indonésia  
Photo: Graham Crouch/Girls Not Brides

## Resumo

O Director Geral da Organização Mundial da Saúde declarou a COVID-19 como uma pandemia global, a 11 de Março de 2020. Os governos e as comunidades no mundo inteiro lutam para conter e responder a este desafio que ameaça destruir décadas de progresso, incluindo os esforços de combate ao casamento infantil, prematuro e forçado.

Este resumo é para os parceiros de desenvolvimento, incluindo o governo e a sociedade civil. Apresenta recomendações e recursos para responder às necessidades das raparigas, durante a crise de COVID-19 e no período de recuperação. Estão incluídos, também, aquelas em risco de casamento prematuro e as já casadas e em união matrimonial informal.

As nossas organizações-membros e parceiros contribuíram para este documento. O seu feedback será incluso nas versões futuras à medida que tirarmos lições sobre o progresso da pandemia e do seu impacto no casamento infantil, em contextos diversos.

## Contextualização

A pandemia de COVID-19 já regista um efeito devastador nas famílias, comunidades, bem como nas economias e, ainda veremos todo o seu impacto nos países mais pobres e naqueles com sistemas de saúde, assistência social, comunicação e de governação deficitários. O vírus e as medidas governamentais com vista a conter o seu alastramento serão muito devastadores para aqueles que trabalham no sector informal, os quais não podem se isolar, incluindo residentes de bairros pobres e os que se encontram acomodados em campos de refugiados e de deslocados internos.

Enquanto se revela ser muito prematuro dizer o quanto a COVID-19 incide sobre os casamentos infantis, a experiência obtida em resultado da crise da Ébola, e outras emergências agudas, revela que as raparigas e as mulheres serão afetadas de uma forma desproporcional, particularmente, no seio dos grupos mais pobres e socialmente marginalizados.<sup>1</sup> Muitas raparigas, mulheres, rapazes e homens serão afetados pela crise. Este resumo tem como foco a forma como as raparigas, particularmente as que estão em risco de casar ou as que já casaram, serão afetadas a curto e longo prazo.

Muitos dos fatores complexos que levam ao casamento prematuro em ambientes estáveis são exacerbados em contextos de emergência, dado que as estruturas familiares e comunitárias roturam-se durante momentos de crise e de deslocação. Uma pandemia deste género também apresentará desafios únicos que podem aumentar os casamentos infantis, tanto nas fases agudas como nas de recuperação.

<sup>1</sup> Menéndez, C. et al. "Ebola crisis the unequal impact on women and children's health," 2015, The Lancet: Global Health, Vol. 3, Issue 3.

Os desafios incluem a perda de rendimento familiar, riscos de violência elevada no seio familiar e falta de acesso ao ensino. A pesquisa da Plan International demonstra que, em contextos de crise, as raparigas vivem com medo de violência, pelo que, não estão somente preocupadas com a presença constante de homens armados como também com a Violência Baseada no Género (VBG), no seio familiar.

A rotura das redes sociais também pode aumentar o desejo familiar e das comunidades de controlar a sexualidade das raparigas e proteger a sua “honra”. O casamento é visto como algo para proteger as raparigas e suas famílias do estigma que pode advir da sobrevivência à violência e agressão sexuais. <sup>2</sup> Estes riscos podem tornar-se elevados em locais onde as raparigas são expostas a um ambiente diferente do da sua comunidade anterior. Os pais podem fazer com que as suas filhas possam casar despidas do medo de uma gravidez antes do casamento ou relação matrimonial que possa constituir uma vergonha à família. <sup>3</sup>

## Mitigação do impacto imediato e a longo-prazo

Conforme estabelecido no resumo da temática da *Girls Not Brides*, sobre o casamento infantil em contextos humanitários, <sup>4</sup>o casamento infantil e as necessidades das raparigas são, geralmente, negligenciadas em situações de crise. A experiência de outros contextos de emergência destaca a necessidade de uma acção urgente, tanto para prevenir e responder às vulnerabilidades encaradas pelas raparigas e pelas mulheres, como em relação aos riscos dos casamentos infantis, prematuros e forçados.

## Recomendações

- **Os direitos humanos devem ser respeitados em tempos de crise.** Todos os envolvidos na resposta humanitária e no período de recuperação devem assegurar que as suas atividades não conduzam à perpetuação de uma discriminação adicional, abuso, violência, abandono ou exploração infantil, incluindo a prática de casamentos prematuros e forçados.
- **Os governos e os envolvidos em resposta humanitária devem ter em conta as necessidades das raparigas, durante os esforços de carácter humanitário.** A programação deve ser abrangente e transversal, e abordar tanto o salvamento de vidas humanas, necessidades imediatas, como promover a resiliência a longo prazo, incluindo a das raparigas. As necessidades de prevenção e de proteção, particularmente as assentes nas normas de género nocivas, devem ser priorizadas na primeira onda de resposta.

Uma mãe jovem em Uganda  
Foto: *Girls Not Brides*

- **As intervenções devem incluir a programação da rapariga e locais seguros.** Todas as raparigas abaixo de 18 anos de idade devem ser-lhes garantidas o acesso à educação, ao apoio psicossocial, aos serviços de saúde sexual e reprodutiva, independentemente do seu estado civil. Os referidos serviços devem incluir a contracepção, aborto e serviços de saúde materna bem como formação em competências para a vida.
- **As normas sociais, culturais e de género, as tarefas e as relações influenciam a vulnerabilidade da mulher e do homem à infecção, exposição e ao tratamento.** As respostas a COVID-19 devem, por conseguinte, ser acompanhadas por uma informação de uma análise aprofundada sobre as desigualdades de género, bem como de dados desagregados sobre sexo e idade, na medida do possível.
- **As mulheres e as raparigas devem ser consultadas durante todo ciclo de resposta** – a partir da avaliação das necessidades até à projeção das intervenções e a monitoria da eficácia – incluindo no que diz respeito ao impacto não intencional de distanciamento físico nas raparigas e nas mulheres.
- **Os doadores e as agências governamentais devem aumentar o financiamento dado às organizações da sociedade civil e torná-lo mais flexível.** Isto deve ser para as Organizações Não Governamentais (ONGs) e Organizações Baseadas nas Comunidades (OBCs), incluindo organizações e redes lideradas por mulheres, raparigas e jovens e aquelas que trabalham na programação para a protecção do género/VBG/raparigas. As organizações que trabalham ao nível da comunidade podem responder de uma forma mais rápida e efectiva sobre as necessidades das raparigas e mulheres mais vulneráveis e, de um modo particular, durante as restrições de viagens longas.

## Saúde e Saúde Sexual e Reprodutiva

Enquanto as taxas de mortalidade devido à COVID-19 são elevadas nos indivíduos do sexo masculino, em alguns contextos, é bem provável que a presente crise tenha um impacto significativo na saúde das raparigas e das mulheres, para além dos efeitos imediatos do vírus. As raparigas e as mulheres são responsáveis por cuidar da família numa forma desproporcional. Elas correm um risco elevado de infecção, pelo que necessitam de apoio psicossocial. <sup>5</sup>



<sup>2</sup> Save the Children, *Too Young to Wed: The growing problem of child marriage among Syrian girls in Jordan*, 2014.

<sup>3</sup> Save the Children, *Too Young to Wed: The growing problem of child marriage among Syrian girls in Jordan*, 2014.

<sup>4</sup> Girls Not Brides, *Child marriage in humanitarian settings*, 2018.

<sup>5</sup> CARE, *COVID-19's gender implications examined in policy brief from CARE*, 2020.

A rotura no acesso aos serviços de saúde sexual e reprodutiva – incluindo os serviços para o tratamento das infeções sexualmente transmissíveis (IST), HIV, contracepção e de aborto seguro - durante a fase aguda da crise, terá consequências severas para as raparigas e mulheres. Onde os serviços estão disponíveis, as raparigas poderão não ter acesso físico aos mesmos devido às restrições na sua mobilidade. A falta de acesso aos serviços contraceptivos e aos de aborto seguro poderá aumentar gravidezes indesejadas e não intencionadas tanto para as raparigas casadas, bem como para as solteiras o que, de algum modo, poderia aumentar a pressão sobre as raparigas para uniões matrimoniais prematuras.

As gravidezes prematuras representam um risco elevado em termos de complicações, morbidade e mortalidade materna e infantil e é endémico nos casamentos infantis. Garantir a saúde e a segurança das jovens mães e dos seus filhos tornar-se-á cada vez mais difícil durante este período. É provável que a pandemia tenha um impacto negativo nos serviços de saúde materna à medida que os cuidados de saúde forem desviados para dar resposta à COVID-19. Muitas mulheres podem, também, ser inibidas ou ter medo de procurar cuidados pós e pré-natais. As disposições para a gestão clínica da violação e da agressão sexual são, igualmente, susceptíveis de ser interrompidas.

A higiene menstrual tende a estar comprometida em situações de auto-isolamento e de acesso reduzido aos serviços de saúde e direitos sexuais e reprodutivos (SDSR). Esta é já uma realidade para as mulheres e raparigas que vivem em comunidades pobres e marginalizadas, em contextos de emergência e humanitários, em instalações de encarceramento, e em pessoas com necessidades especiais ou deficiências e/ou que enfrentam outras barreiras. Esta situação é agravada quando os abastecimentos essenciais – incluindo água – esgotam-se.

A presente crise é, no mesmo âmbito, susceptível de afectar negativamente a frágil saúde psicossocial das raparigas e das crianças noivas (ver abaixo) ao restringir a mobilidade, o distanciamento físico e o aumento da carga de cuidados domésticos.

## Recomendações

- **Os governos devem reconhecer os serviços SDSR como sendo essenciais em tempos de crise e, por conseguinte, remover as barreiras ao seu acesso.** Isto pode ser feito, por exemplo, permitindo o acesso em zonas remotas aos serviços contraceptivos e de aborto através da telemedicina e permitir a prestação de serviços por parte das farmácias.
- **As cadeias de abastecimento devem dar prioridade aos produtos de Saúde Sexual e Reprodutiva.** Isto deve incluir contracepção, aborto seguro e artigos de saúde menstrual, que são essenciais para a saúde e autonomia das raparigas, e uma estratégia chave na abordagem do casamento infantil.

- **As raparigas devem ter acesso à informação relevante** sobre como prevenir e responder à pandemia de modo que possam compreender, inclusivamente, em relação à lavagem regular das mãos e aos comportamentos de higiene positiva, incluindo a higiene menstrual.
- **As mulheres grávidas e as raparigas com doenças respiratórias devem ser tratadas com elevada prioridade devido ao seu risco acrescido de resultados adversos.** As unidades de saúde pré-natal, neonatal e materna devem ser segregadas das enfermarias e casos identificados da COVID-19.
- **As intervenções de ensino à distância promovidas durante o encerramento de escolas devem dar prioridade à educação sexual abrangente para rapazes e raparigas como parte do currículo.**

## Educação



Raparigas na escola em Rajasthan, Índia  
Foto: James Rodríguez/*Girls Not Brides*

De acordo com a UNESCO, 180 países tinham encerrado as escolas e universidades ao nível nacional, até ao final de Março de 2020. Isto afecta mais de 87% da população estudantil mundial. Se as escolas forem encerradas, as raparigas em países em desenvolvimento ou em contextos humanitários podem estar em risco acrescido de exploração sexual, abuso e casamento infantil.

Segundo a [UNICEF](#), o encerramento de escolas durante o surto de Ébola de 2014-16 na África Ocidental contribuiu para o aumento do trabalho infantil, negligência, abuso sexual e gravidez na adolescência. Na Serra Leoa, os casos de gravidez na adolescência passaram do dobro para 14.000 durante o surto. Houve, igualmente, um "aumento significativo" de gravidezes em adolescentes e casamentos prematuros em algumas áreas afectadas, devido ao aumento das taxas de abandono escolar das raparigas.<sup>6</sup> O encerramento de escolas terá, também, impactos a longo prazo no futuro das raparigas - particularmente para as famílias mais pobres, e em zonas mais remotas - caso estas não consigam regressar à escola após uma ausência prolongada, uma vez que o ensino pode tornar-se insustentável devido a dificuldades de ordem económica, ou devido ao casamento ou à gravidez das raparigas.

<sup>6</sup> Fraser, E., "[Impact of COVID-19 Pandemic on Violence against Women and Girls](#)," 2020, *DFID*.

Em muitos países, as famílias não têm acesso à Internet ou à televisão. Isto deve ser tomado em conta ao desenvolver abordagens de ensino à distância. As raparigas são frequentemente obrigadas a cuidar de irmãos mais novos, o que pode também ter impacto na sua capacidade de continuar os estudos através do ensino online, onde este estiver disponível.

## Recomendações

- **Os governos devem apoiar a aprendizagem contínua**, investindo em métodos inclusivos de educação à distância que respondam às questões de género, tais como emissões de rádio.
- **Medidas de salvaguarda devem ser implementadas para prevenir o assédio online**, a intimidação e outros tipos de violência cibernética em plataformas online.
- **A sensibilização da comunidade deve continuar como parte do ensino à distância** para assegurar que os pais, líderes e outros membros da comunidade estejam conscientes da importância da educação das raparigas.
- **As raparigas (e os rapazes) devem continuar a ter acesso à educação sexual abrangente (ESA), informação sobre SDSR e encaminhamento** para serviços como parte do ensino à distância enquanto as escolas estiverem encerradas.
- **A educação e outros funcionários de apoio devem ter formação** para garantir que tenham conhecimentos e competências necessários para reconhecer e prevenir a violência contra raparigas, incluindo o risco de casamento infantil, através de práticas seguras de encaminhamento e serviços de proteção.
- **Quando as escolas reabrirem, as raparigas grávidas, as raparigas casadas e as jovens mães devem ser apoiadas plenamente para regressarem à escola.** Isto pode envolver aprendizagem flexível, cursos de recuperação e oportunidades de aprendizagem aceleradas. Pode, também, envolver a verificação das listas de matrículas escolares para identificar e seguir as raparigas que não regressaram à escola.
- **Na medida do possível, as raparigas e as mulheres jovens devem ser consultadas durante toda a resposta.**
- **As raparigas devem ser envolvidas na tomada de decisões sobre a sua educação.**

## Violência baseada no género e protecção das crianças

Ao nível mundial, 1 em cada 3 mulheres em todo o mundo já sofreu violência física e/ou sexual por um parceiro íntimo ou outro perpetrador durante a sua vida. A violência contra as mulheres tende a aumentar durante todos os tipos de emergência, incluindo no tempo de epidemias. As mulheres e raparigas deslocadas, refugiadas e as que vivem em zonas afectadas por conflitos são particularmente vulneráveis.

Existem já evidências crescentes de que algumas das medidas para prevenir a propagação da COVID-19 - incluindo a permanência em casa e o distanciamento físico - embora essenciais numa perspectiva de saúde pública, podem colocar raparigas e mulheres em maior risco de abuso sexual e de violência baseada no género. Isto pode ser perpetrado por membros da família e parceiros íntimos, e inclui violência sexual, física, psicológica e emocional. O Ministro do Interior Francês, por exemplo, diz que os relatos de violência doméstica em todo o país aumentaram mais de 30% desde que o país entrou em isolamento, a 17 de Março de 2020.<sup>7</sup> A violência doméstica também está a aumentar devido aos isolamentos na Ásia.<sup>8</sup>

Os perpetradores podem utilizar as restrições introduzidas para gerir a COVID-19 para exercer poder e controlo sobre os seus parceiros, a fim de reduzir ainda mais o acesso aos serviços. Os cuidados e apoio que salvam vidas dos sobreviventes da VBG - tais como violação, saúde mental e apoio psicossocial - são susceptíveis de perturbações durante as respostas à pandemia, juntamente com outras estruturas comunitárias e serviços de justiça. Os espaços e abrigos seguros podem não estar disponíveis.

As pandemias como esta podem aumentar o risco de exploração sexual de crianças, casamentos prematuros e forçados. As crises prolongadas e o isolamento social das crianças podem levar à prática do abuso sexual de crianças ainda mais à clandestinidade. Os encerramentos de escolas também colocam as raparigas em maior risco de Violência Baseada no Género - incluindo sexo para assistência humanitária, exploração sexual comercial, tráfico para exploração sexual de crianças e casamentos prematuros e forçados - na medida em que os perpetradores se aproveitam de contextos frágeis.

Ao mesmo tempo, a falta de acesso aos serviços de protecção infantil e informação colocam as crianças em maior risco de experimentarem e permanecerem presas em situações de exploração, que podem ter consequências físicas e emocionais de longo prazo. O risco de exploração sexual de crianças online também deve ser considerado, dado que muitas crianças acedem e passam tempo na Internet. As crianças mais vulneráveis - incluindo as que vivem nas ruas e as que já vivem em agregados familiares abusivos - exigem uma atenção especial.

<sup>7</sup> Euronews, [Domestic violence cases jump 30% during lockdown in France](#), 2020.

<sup>8</sup> Owen, L., [“Coronavirus: Five ways virus upheaval is hitting women in Asia,”](#) 2020, *BBC News*.

## Recomendações

- **Considerar como os sistemas de gestão de casos podem ser adaptados para identificar e responder às raparigas em risco.** Nos casos em que a Violência Baseada no Género e as estruturas de protecção infantil são perturbadas, os governos e os prestadores de serviços devem identificar novas formas de encaminhamento para as raparigas e mulheres em risco de violência.
- **Dar especial atenção à prestação de serviços de protecção infantil e de VBG para as raparigas mais vulneráveis,** incluindo as Deslocadas Internamente e as que vivem em campos de refugiados.
- **Onde existem políticas de distanciamento físico, que se considere a adaptação de competências para a vida e programas de capacitação das raparigas** através do ensino à distância, utilizando a rádio ou plataformas online.
- **Onde as plataformas online são usadas, que se considerem medidas de salvaguarda contra o assédio online,** a intimidação e outros tipos de violência cibernética.<sup>9</sup>
- **É necessário aumentar a oferta de linhas telefónicas e virtuais de apoio psicossocial a mulheres e raparigas afectadas pela pandemia, que também são sobreviventes da Violência Baseada no Género.** A utilização de aplicações dos telefones celulares para comunicar mensagens relevantes pode ajudar as raparigas e mulheres a denunciar a Violência Baseada no Género e o casamento infantil e, identificar raparigas e mulheres em risco.

## Impacto Económico

A COVID-19 já está a ter um impacto significativo nas economias a nível nacional, comunitário e familiar. Aqueles que trabalham na economia informal com poupanças limitadas são os mais susceptíveis de serem atingidos pela crise económica. A longo prazo, as mulheres podem ser desproporcionadamente afectadas pelos cortes nos serviços sociais, incluindo a saúde, água e saneamento, e cuidados sociais.

Evidências de contextos humanitários mostram que as famílias pobres que perdem os seus meios de subsistência têm, frequentemente, mais probabilidades de obrigarem as suas filhas a unir-se matrimonialmente com vista a aliviar as dificuldades económicas. Isto é visto como uma estratégia para reduzir o número de pessoas a alimentar e, em contextos em que se paga um dote aos pais da noiva pela sua união matrimonial, como uma forma de gerar um rendimento extra. Outros mecanismos negativos de sobrevivência incluem o sexo de sobrevivência e o trabalho infantil.<sup>10</sup>

## Recomendações

- **Fornecer intervenções de protecção social nacionais, sensíveis ao género, tais como subsídios de rendimento básico e transferências monetárias** para reduzir o risco de as raparigas se unirem matrimonialmente como uma estratégia de sobrevivência económica.
- **Assegurar que o empoderamento económico e as estratégias de subsistência devam incluir mulheres e raparigas e,** ter em conta a carga de cuidados não remunerados das mulheres.
- **Assegurar que os serviços de saúde são gratuitos no ponto de atendimento** para garantir o acesso aos mesmos pelas raparigas e mulheres mais vulneráveis.

## Impacto nos direitos políticos e civis

Para além dos impactos sociais e económicos acima destacados, existe uma preocupação crescente sobre a forma como as respostas dos governos à crise da COVID-19 poderiam, também, aumentar as violações dos direitos humanos. Isto inclui a violência estatal, e a capacidade das *Organizações da Sociedade Civil (OSCs)* para operar e assegurar a responsabilização dos actores estatais.

A COVID-19 e as medidas de distanciamento físico podem também ter impacto nos sistemas de registo civil - incluindo o casamento e o registo de nascimento - o que pode levar a casamentos infantís à clandestinidade e perturbar a recolha de dados sobre a incidência de novos casamentos infantís.

## Recomendações

- **Assegurar que as respostas de saúde pública para combater a propagação da COVID-19, tais como isolamentos e quarentenas, sigam as normas de direitos humanos e sejam proporcionais ao risco avaliado.**
- **Assegurar que as restrições de distanciamento físico da saúde pública não sejam utilizadas como instrumento para refrear a capacidade da sociedade civil de fornecer apoio comunitário, nem para limitar a responsabilidade do governo perante o seu povo.**
- **Assegurar mecanismos de protecção para defensores dos direitos da mulher e OSCs durante os isolamentos para prevenir abusos dos direitos humanos.**

<sup>9</sup> Veja o [resumo JRC](#).

<sup>10</sup> *Girls Not Brides*, [Conflict and Humanitarian Crises](#).

## Principais Referências Bibliográficas

Para além da bibliografia acima referida, as seguintes referências podem ser úteis para aqueles que queiram saber mais sobre a COVID-19 e o casamento infantil, prematuro e forçado.

- CARE, [Gender implications of COVID-19 outbreaks in development and humanitarian settings](#), 2020. Sumário Executivo disponível [aqui](#).
- End Violence Against Children Coalition, [Protecting children during the COVID-19 outbreak](#), 2020.
- Fraser, E., [Impact of COVID-19 Pandemic on Violence against Women and Girls](#), 2020, VAWG Helpdesk Research Report, No. 284.
- GBV AoR and Gender in Humanitarian Action, [The COVID-19 outbreak and gender: Key advocacy points from Asia and the Pacific](#). Also available in [Arabic](#), in [Spanish](#).
- ICRC, [COVID-19: Inclusive programming during the time of coronavirus](#), 2020.
- IPPF, [COVID-19: A message from IPPF's Director General](#), 2020.
- IRC, [Guidelines for Mobile and Remote Gender-Based Violence \(GBV\) Service Delivery](#), 2020.
- Menéndez, C. Et al. 'Ebola crisis the unequal impact on women and children's health,' 2015, *The Lancet*, Volume 3, Issue 3, p.130.
- Reidy E., "[How the coronavirus outbreak could hit refugees and migrants](#)," 2020, *The New Humanitarian*.
- The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, [Technical Note: Protection of Children during the Coronavirus Pandemic, VI, 2019](#).
- UNESCO, [COVID-19 school closures around the world will hit girls hardest](#), 2020.
- UNFPA, [COVID-19: A Gender Lens. Protecting sexual and reproductive health and rights, and promoting gender equality](#), 2020.
- UNICEF, [Briefing Note: Strategy for Integrating a Gendered Response in Haiti's Cholera Epidemic](#), 2010.
- Wenham, C., Smith, J. and Morgan, R., '[COVID-19: The Gendered Impacts of the Outbreak](#), 2020, *The Lancet*, Volume 395, Issue 10227, pp.846-848.
- Yaker, R. and Erskine, D., '[Research Query: GBV Case Management and the COVID-19 Pandemic](#), *GBV AoR Helpdesk*, 2020.